



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Andrea Alciato e o emblema: limitações de  
uma *teoria dos emblemas***

Cíntia Chaves Rodrigues

Brasília, 2021

**Cíntia Chaves Rodrigues**

**Andrea Alciato e o emblema:  
limitações de uma *teoria dos emblemas***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
História do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção  
do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. André de Melo  
Araújo

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo

---

Profa. Dra. Marina Thomé Bezzi

---

Prof. Dr. Luiz César de Sá Júnior

Brasília, 2021

## **AGRADECIMENTOS**

Escrever este agradecimento faz com que eu me recorde da Cíntia que um dia sonhava em ingressar na Universidade de Brasília. Aqui estou eu, finalizando o curso com o qual sonhei na universidade que amo e admiro. Nada nessa jornada eu realizei sozinha e, desde já, peço desculpas por não conseguir citar todos os que me acompanharam nessa caminhada. Gostaria de agradecer aos meus pais por me apoiarem e confiarem na minha capacidade; aos meus irmãos, especialmente Carol e Victor, por sempre me motivarem a seguir em frente. Agradeço o apoio imensurável de meus tios e primas com os quais vivi nesses quatro anos de graduação, saibam que sem vocês nada disso seria possível. Também devo gratidão ao Gabriel, meu companheiro de amor e vida, que esteve comigo nos momentos mais lindos e mais difíceis desse trajeto. Obrigada, Janaína, minha irmã de vida, que foi meu porto seguro, chorou e sorriu comigo sem nunca me abandonar. Agradeço aos meus queridos amigos João Victor e Matheus por superarem a distância e provarem que amizades longas e duradouras tornam nossa vida mais leve. Presto minha imensa gratidão aos docentes da Universidade de Brasília por me guiarem nesse caminho, especialmente o professor André Araújo, pelas palavras de força e doçura na orientação do presente trabalho.

## **Andrea Alciato e o emblema: limitações de uma *teoria dos emblemas***

### **Andrea Alciato and the emblem: *emblems theory* limitations**

*Cíntia Chaves Rodrigues*  
*Graduanda da Universidade de Brasília*

#### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo analisar os problemas gerados pelas definições produzidas na literatura sobre emblemas. Para tal, abordaremos as características apresentadas por vinte e duas edições de livros de emblemas (1531-1621) disponíveis na plataforma *Alciato at Glasgow*. A hipótese deste artigo é de que o enrijecimento e as limitações provocadas pela definição estrita do objeto minimizam a importância das características das edições nos estudos sobre o tema. O artigo será dividido em três momentos: (1) levantamento das edições vinculadas ao jurista Andrea Alciato (1492-1550); (2) apresentação da literatura especializada e demarcação dos mecanismos de definição do objeto e (3) análise das edições em contraste com a literatura.

**Palavras-chave:** Emblema; Alciato; Impressos na Época Moderna.

#### **Abstract**

This article aims to analyze the problems created by the definitions produced in the literature on emblems. We will address the characteristics presented by twenty-two editions of emblem books (1531-1621) available on the platform *Alciato at Glasgow*. The hypothesis of this article is that the limitations caused by the strict object definition minimize the importance of the editions characteristics in studies on the subject. The article will be divided into three moments: (1) editions description linked to jurist Andrea Alciato (1492-1550); (2) presentation of the specialized literature and the mechanisms for defining the object and (3) analysis of the editions in contrast to the literature.

**Key-words:** Emblem; Alciato; Early Modern Prints.

## Introdução

Em um artigo sobre a literatura de emblemas publicado em 1946, Henri Stegemeier expressou a esperança "de que o termo emblema não precisasse ser definido repetidamente por todos aqueles que discutem o assunto hoje...". Com a riqueza de novas ideias sobre a natureza e história do emblema, estamos mais próximos de um trabalho definitivo que evitaria a necessidade de definir o termo, mas esse trabalho ainda não foi escrito.<sup>1</sup>

O anseio expressado por Peter Daly em 1979 logo nas primeiras linhas de sua obra *Literature in the light of the Emblem* nos parece bastante atual. Ainda que o termo *emblema* seja amplamente conhecido por aqueles familiares com a *Época Moderna*, não há como contornar a necessidade de um esforço de definição em cada estudo realizado sobre o tema. A tentativa de definir um objeto tal qual o emblema é bastante desafiadora, tendo em vista que o número de publicações é amplo, assim como sua variedade territorial e temporal.

Este artigo tem como objetivo analisar os problemas gerados pelas definições produzidas na literatura sobre emblemas. Para tal, abordaremos as características apresentadas por vinte e duas edições de livros de emblemas (1531-1621) disponíveis na plataforma *Alciato at Glasgow*. A hipótese a ser sustentada é de que o enrijecimento e as limitações provocadas pela definição do objeto minimizam a importância das características das edições nos estudos sobre o tema. Analisaremos a definição produzida pela literatura especializada sob a perspectiva de um duplo mecanismo: por um lado, o debate sobre o surgimento do emblema e, por outro, a delimitação de uma estrutura gráfica e formal. A partir deste desafio, conduziremos a análise em três momentos: (1) um levantamento sobre as edições de emblemas vinculadas ao jurista Andrea Alciato (1492-1550)<sup>2</sup>, considerado *pater et princeps* do emblema; (2) uma apresentação da literatura especializada e demarcação dos mecanismos de definição do objeto e (3) análise das edições em contraste com a literatura.

---

<sup>1</sup> DALY, Peter. *Literature in the Light of the Emblem*. Toronto: University of Toronto Press, 1998 (1ª ed. 1979), p. 3. Tradução livre. "In a stimulating article on emblem literature published in 1946 Henri Stegemeier expressed the hope 'that the term Emblem need not be again and again defined by everyone who today discusses the subject...'. With the wealth of new insights into the nature and history of the emblem we are nearer to a definitive account which would obviate the need to define the term, but that account has yet to be written."

<sup>2</sup> Para vida e trajetória do jurista Andrea Alciato cf. ANDENMATTEN, Anne-Angélique. *Les Emblèmes d'André Alciat*. Peter Lang, 2017.

## 1. Andrea Alciato: história das edições

Esta sessão tem como objetivo realizar um balanço sobre as edições dos livros de emblemas de Andrea Alciato. Inicialmente, apresentaremos os levantamentos anteriores à primeira publicação e, em seguida, as edições que compõe o *corpus* deste artigo. É importante salientar a incompletude deste esforço, visto o número extenso de publicações ao longo da Época Moderna.<sup>3</sup> Sendo assim, as edições aqui analisadas correspondem ao *corpus* disponível na plataforma *Alciato at Glasgow*<sup>4</sup>, somando um total de vinte e duas. Estes volumes compreendem o período de quase um século de publicações – a saber, 1531 a 1621 – e entre eles estão muitas edições cruciais para a história dos emblemas de Alciato. Na tabela a seguir podemos observar as edições que compõe este *corpus*:

**Tabela 1 - Corpus**

Ano	Título/Edição	Local de publicação	Impressor
1531	<i>Emblematum liber</i>	Augsburgo	Heinrich Steyner
1531	<i>Emblematum liber</i>	Augsburgo	Heinrich Steyner
1534	<i>Emblematum liber</i>	Augsburgo	Heinrich Steyner
1534	<i>Emblematum libellus</i>	Paris	Chrestien Wechel
1536	<i>Livret des Emblemes</i>	Paris	Chrestien Wechel
1539	<i>Emblemes</i>	Paris	Chrestien Wechel
1542	<i>Les Emblemes</i>	Paris	Chrestien Wechel
1542	<i>Emblematum libellus</i>	Paris	Chrestien Wechel
1546	<i>Emblematum libellus</i>	Veneza	Aldus
1549	<i>Los Emblemas</i>	Lyon	Macé Bonhomme Guillaume Rouille
1549	<i>Emblemes</i>	Lyon	Macé Bonhomme Guillaume Rouille

<sup>3</sup> A plataforma utilizada fornece referências à outras edições, inclusive “piratas”, que foram produzidas ao longo da Época Moderna. Vale salientar que outros emblematas também publicaram livros de emblema, como por exemplo na tradição inglesa com Geoffrey Whitney.

<sup>4</sup> *Alciato at Glasgow*. Disponível em: <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/>

1550	<i>Emblemata</i>	Lyon	Macé Bonhomme Guillaume Rouille
1551	<i>Emblemata</i>	Lyon	Macé Bonhomme Guillaume Rouille
1551	<i>Diverse Imprese</i>	Lyon	Macé Bonhomme Guillaume Rouille
1556	<i>Emblematum libri II</i>	Lyon	Jean de Tournes Guillaume Gazeau
1558	<i>Toutes les Emblemes</i>	Lyon	Macé Bonhomme Guillaume Rouille
1566/67	<i>Liber Emblematum/Kunstbuch</i>	Frankfurt am Main	Sigismund Feyerabend
1584	<i>Emblemata</i>	Paris	Jean Richer
1591	<i>Emblemata</i>	Leiden	Officina Plantiniana
1615	<i>Declaracion magistral sobre las Emblemas de Andres Alciato</i>	Najera	Juan de Mongaston
1615	<i>Les Emblemes</i>	Genebra	Jean II de Tournes
1621	<i>Emblemata</i>	Padua	Petro Paulo Tozzi

Para compreendermos estas publicações, é necessário abordar a trajetória dos emblemas antes mesmo de sua primeira edição. A primeira menção aos *Emblemata* por Andrea Alciato ocorre em uma famosa carta de 1523 destinada ao impressor Francisco Calvo:

“Na última Saturnália, para agradecer o nobre Ambrogio Visconti, montei um pequeno livro de epigramas ao qual dei o título Emblemas, pois em cada epigrama descrevo algo que é retirado da história ou da natureza e pode significar algo refinado [...]” (Carta de Andrea Alciato, 9 de janeiro de 1523)<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Conforme citado por CARLISLE, Rachel. From “Art of Memory” to Naturalism: Andrea Alciato and the development of the Early Modern Emblem. *Comitatus*, v. 49, 2018, p. 165. Tradução livre do inglês: “These past Saturnalia, in order to gratify the noble Ambrogio Visconti, I put together a little book of epigrams to which I gave the title Emblems, for in each epigram I describe something which is taken from history or from nature and can mean something refined (elegans), and from which artists, goldsmiths, metalworkers,

Apesar do consenso sobre a *editio princeps* dos emblemas de Alciato, especulava-se sobre a existência de uma edição anterior a Augsburg 1531, realizada em Milão no ano de 1522, que teria sido recolhida de circulação pelo próprio Alciato por ser de má qualidade. Mesmo com algumas referências nos séculos seguintes, um exemplar nunca foi encontrado e nem a validade dessas menções comprovada.<sup>6</sup> Sabe-se que em 1523 já havia, portanto, um pequeno livro reunido por Alciato e enviado aos correspondentes do jurista em formato manuscrito e não ilustrado. Entretanto, especula-se sobre a natureza deste material e em que estado ele teria chegado às mãos de Heinrich Steyner.

A primeira edição listada corresponde justamente à considerada *editio princeps* dos emblemas, publicada em 1531 na cidade de Augsburg pelo impressor Heinrich Steyner. Este foi responsável pelas duas publicações subsequentes, uma também em 1531 e outra em 1534. As três edições de Augsburg são bastante similares, possuindo diferenças somente em erratas e algumas correções pontuais. Publicados em latim, os emblemas somam um total de 104, sendo 97 desses acompanhados por xilogravuras. Os emblemas não se encontram dispostos em uma única página; título, imagem e epigrama estão ordenados de acordo com o espaço disponível.

De maneira majoritária, a literatura de emblemas considera que este grupo de edições não foi autorizado por Alciato e o acréscimo das xilogravuras não foi realizado por ele. Tais publicações são assim classificadas especialmente pelas críticas tecidas pelo jurista aos volumes:

Garanto-lhe que esse livro foi publicado sem o meu conhecimento, como também escrevi para a nosso amigo Palma. Na verdade, uma vez que é tão cheio de erros, se consideramos os absurdos das figuras ou o texto corrompido dos poemas, sou forçado a pôr a mão na obra e a reconhecer a prole renegada e exposta, exatamente quando estavam perto do ponto da morte, e trazê-la à tona novamente, ampliada e melhor preparada. (Carta de Andrea Alciato, 24 de março de 1532)<sup>7</sup>

---

can fashion the kind of objects which we call badges and which we attach to our hats or use as trade-marks, like Aldus' anchor, Froben's dove or Calvo's elephant which is in labour so long and gives birth to nothing."

<sup>6</sup> GREEN, Henry. *Andrea Alciati and His Book of Emblems: A Biographical and Bibliographical Study*. Londres : Trübner & Co., 1872, p. 103-116.

<sup>7</sup> Tradução livre: "That book was published, I assure you, without my knowledge, as I also wrote to our friend Palma. In truth, since it is so full of mistakes, whether we consider the absurdities of the pictures or the corrupt text of the poems, I am forced to put my hand to the work and to acknowledge this disowned and exposed offspring, just when it was near the point of death, and to bring it forth again enlarged and better prepared..." CARLISLE, 2018, p. 171.



Após as considerações proferidas sobre as publicações de Augsburg, uma nova edição é realizada em Paris no ano de 1534, também em latim. *Emblematum libellus* é considerada, portanto, a primeira autorizada pelo jurista, assumindo a função de corrigir os erros anteriores<sup>8</sup>. Tal objetivo fica sob os cuidados do renomado tipógrafo Chrestien Wechel.<sup>9</sup> Este volume conta com novos emblemas e é evidente o esforço de compactar cada um deles em uma nova página, exceto aqueles com epigramas mais longos<sup>10</sup>. Considera-se que esta edição é a primeira a utilizar esta forma compacta dos emblemas. *Emblematum libellus* é a primeira de diversas edições publicadas por Wechel até o fim da década seguinte. Dentre os volumes publicados pelo tipógrafo, encontramos edições bilíngues<sup>11</sup>. A configuração destas é realizada com o emblema compactado em latim em uma página e, na seguinte, título e epigrama na versão vernacular. Percebemos aqui, portanto, uma alteração na organização dos emblemas dentro dos volumes.

Em Veneza, no ano de 1546, publicou-se *Emblematum libellus* por Aldus; a primeira edição a apresentar um novo conjunto de emblemas. Constituída por 86 emblemas nunca antes publicados, esta edição pode ser considerada uma *editio princeps* independente.<sup>12</sup> Os emblemas desta edição foram incorporados permanentemente nas edições subsequentes. Esta é considerada uma espécie de *segunda onda* na publicação de emblemas. Após esta publicação, as edições se concentram na cidade de Lyon, publicadas por diferentes impressores, como Jean de Tournes e, a partir de 1548, por Macé Bonhomme e Guillaume Rouille. Todas as edições produzidas por Bonhomme e Rouille possuem molduras decorativas e um novo conjunto de xilogravuras. Alguns dos

---

<sup>8</sup> “O Humanista viajava e lecionava em Paris e, em uma dessas ocasiões, Alciato conheceu o impressor parisiense Christian Wechel, confidenciando-lhe seu extremo descontentamento com as edições de seus emblemas publicadas por Steyner em Augsburg. Na verdade, tão chateado estava Alciato que desenvolveu um plano para destruí-las. Wechel encorajou Alciato a ‘passar a esponja por tudo o que fosse digno de culpa e adicionar diversos emblemas’, isto é, corrigir os textos e emitir uma versão mais exata e artística do volume, e os dois concordaram em colaborar pelo menos até janeiro de 1533.” Tradução livre do inglês: The Humanist scholar intermittently traveled to and lectured in Paris, and on one of these occasions, Alciato met Parisian printer Christian Wechel, confiding in him his extreme discontent with the editions of his emblems published by Steyner in Augsburg. In fact, so upset was Alciato that he developed a plan to call them in and destroy them! Wechel encouraged Alciato instead “to pass the sponge over all that was blameworthy, and to add several emblems,” that is, to correct the texts and to issue a more exact and artistic version of the volume, and the two agreed to collaborate by at least January 30, 1533.” CARLISLE, 2018, p. 171.

<sup>9</sup> GREEN, 1872, p. 123.

<sup>10</sup> Esta edição conta com 113 emblemas, todos eles acompanhados de xilogravuras.

<sup>11</sup> As edições bilíngues publicadas por Wechel estão em latim-francês ou latim-alemão.

<sup>12</sup> ANDENMATTEN, 2017, p. 31.

emblemas nestes volumes aparecem sem gravuras, possivelmente porque o total das novas ilustrações não estava finalizado. A depender da edição, tais emblemas eram divididos em dois volumes (livro 1: primeiro conjunto; livro 2: segundo conjunto surgido em Veneza) ou agrupados em um único. Apesar da primeira edição comentada também ser realizada por Macé Bonhomme e Guillaume Rouille (*Emblemes*, 1549) – em que os comentários são compostos por poucos versos localizados abaixo da epigrama e mantém a forma compacta do emblema –, é na edição de 1556 publicada por Jean de Tournes e Guillaume Gazeau que os comentários se tornam sistemáticos e de maior extensão. Nessa edição os comentários extensos de Sebastian Stockhamer desestabilizam a organização proposta por Wechel em Paris.

No ano de 1566 foi publicado em Frankfurt am Main o volume *Liber Emblematum*, edição bilíngue de Sigismund Feverabend. Nesta edição, a ordem dos emblemas não segue as publicações precedentes, correspondendo somente aos volumes do mesmo editor. E, ao contrário das edições bilíngues anteriores, não há qualquer preservação da configuração descrita anteriormente, pois os emblemas seguem sem delimitação formal. Por fim, nesta publicação há também outro elemento distinto, a presença de emblemas com mais de uma epigrama.

Devemos reiterar que este balanço das principais edições dos emblemas de Andrea Alciato constitui um esforço incompleto, mas que possui caráter representativo das publicações como um todo. Para compreendermos o que a trajetória destas publicações interfere no entendimento de emblema pela literatura, precisamos analisar a seguir os parâmetros utilizados pela *teoria dos emblemas* para delimitar e definir o conceito de emblema.

## **2. Teoria dos emblemas: tentativas de definição**

A partir das reflexões levantadas na sessão anterior, delinearemos alguns pontos importantes sobre a literatura denominada *teoria dos emblemas*.<sup>13</sup> A tentativa de definir

---

<sup>13</sup> É importante salientar que utilizaremos a expressão *teoria dos emblemas* tal qual Peter Daly, um dos principais especialistas sobre emblemas na literatura. O autor a utiliza para designar análises teóricas sobre o emblema que busquem defini-lo e estruturá-lo. Para um panorama inicial da *teoria dos emblemas* Cf. DALY, Peter. *Literature in the Light of the Emblem*. Toronto: University of Toronto Press, 1998 (1ª ed. 1979)

um objeto tal qual o emblema constitui um desafio, especialmente pela grande variedade de publicações sob esta denominação, seja por sua quantidade ou pelos distintos locais e períodos em que foram produzidas. Entretanto, a mesma diversidade que torna desafiadora a definição do objeto parece impulsionar as tentativas de determiná-lo, no empreendimento de desenvolver um *instrumento conceitual* passível de ser descrito e definido genericamente.<sup>14</sup> Parece-nos que a delimitação do *tipo* emblema se realiza sob um esforço duplo na literatura: tanto pela associação da origem do emblema com o jurista italiano Andrea Alciato, quanto pela a definição formal e gráfica do emblema.

O jurista surge sob o signo de *pater et princeps*<sup>15</sup> do emblema, especialmente pela publicação de *Emblematum liber* descrita anteriormente. Andrea Alciato seria responsável não só pelo material que originou o *gênero emblema*, mas também por realizar as alterações necessárias para torná-lo o emblema tal qual difundido pela literatura. O entendimento do papel de Alciato nas primeiras edições é um dos elementos centrais nesse processo, visto que suas intenções e interferências se tornaram fundamentais para as análises das publicações. Até mesmo ao delinear um panorama dos predecessores dos livros de emblema, Peter Daly empreende o esforço de conectar cada um deles às práticas de Alciato, pois sua figura tornaria possível o pleno entendimento das funções e significados do emblema.<sup>16</sup>

Apesar da dimensão adquirida por Andrea Alciato na literatura sobre emblemas, o papel do jurista e de suas publicações na teoria dos emblemas não pode ser dado como ponto pacífico. As definições e teorias sobre os emblemas parecem agir retrospectivamente com as publicações de Alciato, atribuindo a elas uma posição de destaque em um *gênero* que sequer era evidente naquele momento. O emblema não parece surgir como um *gênero* e, sim, na forma de uma coleção de epigramas cunhadas mais com um caráter particular do que de um termo generalista<sup>17</sup>:

---

<sup>14</sup> KLECKER, Elisabeth. Des Signes Muets Aux Emblèmes Chanteurs : Les Emblemata D'alciat Et L'emblématique. Cairn, n. 145, 2007, p. 23.

<sup>15</sup> Cf. JEHL, Émilie. The Voice of the Picture: The Functional Relationship Between Text and Image in Geoffrey Whitney's A Choice of Emblems (1586). Université de Strasbourg, 2010.; HANSEN, João Adolfo. Alguns preceitos da invenção e elocução metafóricas de emblemas e empresas. Revista Chilena de Literatura n. 85, Nov. 2013, p. 43-73.; CARLISLE, Rachel. From "Art of Memory" to Naturalism: Andrea Alciato and the development of the Early Modern Emblem. Comitatus, v. 49, 2018, pp. 165-187.

<sup>16</sup> DALY, 1998, pp. 9-42.

<sup>17</sup> ANDENMATTEN, 2017, p. 44-45.

Ele [Alciato] compreendeu a palavra emblema como um ornamento simbólico e destacável, tanto no campo artístico quanto literário. Em 1523, quando a evocou na carta a Francesco Calvo, ele pôde acreditar que seus leitores a compreendiam plenamente e saberiam apreciar suas diferentes nuances.<sup>18</sup>

Essa tentativa de definição, portanto, deposita no jurista a figura de um sujeito consciente e intencionado a criar aquilo que seria um *novo gênero*. Enquanto observamos que o termo emblema possui um uso mais dedicado às características daquilo que estava sendo organizado por Alciato, do que necessariamente de uma unidade intelectual e visual estruturada e bem delimitada. A partir deste último aspecto, adentramos a segunda dimensão do esforço de definir o emblema: a estrutura formal.

Para aquele que se inicia nos estudos de emblemas, parece consensual que sua estrutura gráfica e formal se dê na forma tripartite de título, imagem e epigrama (respectivamente, *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio*). Entretanto, um dos maiores territórios de disputa pela teoria dos emblemas é a relação entre esses três elementos fundamentais. Segundo Anne-Angèlique Andenmatten, alguns teóricos atribuem a epigrama a função de solucionar o enigma posto entre título e imagem. Outra possibilidade é entender que a tripartição tem função dupla, de representação e interpretação. A autora apresenta, por fim, que para Peter Daly há uma relação de cooperação entre as partes para veicular uma ideia que nenhuma delas é capaz isoladamente.<sup>19</sup> Para Daly, qualquer tentativa de formular uma *teoria dos emblemas* deve tentar responder a indagação sobre esta relação funcional entre coisa (imagem) e significado (texto).<sup>20</sup> Esta forma compacta tripartite deveria, portanto, ser observada em sua totalidade e não na independência de suas partes. Sendo assim, a unidade seria não só *intelectual*, mas também visual.

---

<sup>18</sup> ANDENMATTEN, 2017, p. 22-23. Tradução livre do francês. Trecho completo: “Alciat a très certainement aussi connu le terme emblema à travers les ouvrages juridiques, puisqu’il est cité dans le Digeste. Il aurait pu le lire dans les Memorialia de son compatriote, le juriste milanais Catelliano Cotta qui commente des termes juridiques, dont emblema, en renvoyant également aux auteurs classiques. Alciat lui-même le cite dans un sens proche de celui d’insigne, dans un chapitre de son De singulari certamine, tandis que dans le De verborum significatione il semble concevoir les emblèmes comme des ornements rhétoriques, spécifiquement des métaphores. Il comprend donc le mot emblema comme un ornement symbolique et détachable, aussi bien dans le domaine artistique que littéraire. En 1523, lorsqu’il l’évoque dans sa lettre à Francesco Calvo, il peut donc estimer que ses lecteurs le comprennent parfaitement et savent en apprécier les différentes nuances.”

<sup>19</sup> ANDENMATTEN, 2017, p. 38-39.

<sup>20</sup> DALY, 1998, p. 8.

Podemos observar, nesse sentido, que a unidade gráfica e a formação tripartite parecem fundamentais na definição do que é o emblema. Até mesmo quando estas características não estão presentes por completo, como na *editio princeps* de 1531, sendo compreendido como um desvio na regra:

[...] o editor não fez nenhuma tentativa aparente de conter os emblemas tripartites em sua totalidade em uma única página ou de estabelecer definições claras entre eles. Tal descuido causa que *inscriptio, pictura* e *subscriptio* caíam muitas vezes em páginas diferentes, levando a uma dificuldade desnecessária no processo interpretativo do leitor.<sup>21</sup>

A partir deste levantamento, observamos o esforço duplo de definição do emblema, atravessado pela figura de Andrea Alciato e também pela formação de uma estrutura gráfica. Entretanto, a abordagem desses elementos pela *teoria dos emblemas* apresenta algumas limitações. Para compreender os limites e problemas gerados pelo esforço de definição do objeto *emblema*, analisaremos a seguir algumas características das edições de Andrea Alciato em contraste com os elementos aqui apresentados.

### **3. O Emblema: limitações da *teoria dos emblemas***

Para a análise proposta nesta sessão, retomaremos alguns apontamentos levantados sobre as edições atribuídas à Andrea Alciato. Observamos anteriormente a utilização da correspondência de Alciato para compreender o surgimento e cenário das primeiras edições. Além deste material epistolar, a literatura frequentemente evoca o esforço biográfico e bibliográfico realizado por Henry Green no século XIX para delimitar o contexto de formação do objeto. Ao mencionar a possível edição de 1522 e, também, ao descrever a edição de 1531, Green reitera que a primeira publicação dos emblemas foi realizada a pedido de Conrad Peutinger e reforça seu caráter não autorizado.<sup>22</sup> Entretanto, Elisabeth Klecker e Anne-Angèlique Andenmatten levantam uma possibilidade de questionamento destas afirmações.

---

<sup>21</sup> CARLISLE, 2018, p. 170. Tradução livre do inglês. “Thus, the publisher made no apparent attempt to contain the tripartite emblems in their entirety within a single page or to establish clear delineations between them. Such an oversight, causing the *inscriptio, pictura*, and *subscriptio* to often fall upon different pages, leads to an unnecessarily difficult interpretive process for the reader.”

<sup>22</sup> GREEN, 1872.

Segundo Klecker, a edição moderna das cartas nos coloca em uma posição privilegiada, por proporcionar um olhar amplo sobre o cenário de produção dessas obras, principalmente evidenciando Alciato como um *autor*<sup>23</sup> empenhado em controlar a recepção de suas obras em busca da glória literária.<sup>24</sup> Andenmatten, em concordância com a autora, argumenta que as cartas são essenciais nas análises, mas devem ser compreendidas sob esta perspectiva e não como provas da natureza do envolvimento de Alciato nas obras.<sup>25</sup> Sendo assim, é possível que a edição tenha sido encomendada por Peutinger, mas isto não implicaria na ausência de conhecimento desta por parte de Alciato.

Tendo em vista a importância de sujeitos como editores e impressores nas publicações de impressos na Época Moderna, observamos que nos conflitos levantados sobre esta publicação pouco se menciona sobre o editor Heinrich Steyner e sua relação com as publicações dos emblemas. Enquanto Alciato assume o protagonismo pela especulação sobre a autorização – ou ausência dela – nas edições de Augsburg, o editor passa despercebido e não é compreendido como elemento importante da *editio princeps*. Esta minimização da figura do editor corrobora para a atribuição da origem do emblema estritamente ao nome do jurista italiano..

Seguimos para as publicações parisienses de Chrestien Wechel, consideradas as primeiras autorizadas por Alciato, sob o propósito de corrigir os erros anteriores. Apesar de se assumir a interferência direta de Alciato nesta edição, não há consenso sobre quais foram exatamente as modificações realizadas. Mesmo não sabendo ao certo a dimensão da interferência de Alciato nesta edição, a literatura associa ao jurista a *intenção* determinante de se opor ao publicado em Augsburg:

O Humanista viajava e lecionava em Paris e, em uma dessas ocasiões, Alciato conheceu o impressor parisiense Christian Wechel, confidenciando-lhe seu extremo descontentamento com as edições de seus emblemas publicadas por Steyner em Augsburg. Na verdade, tão chateado estava Alciato que desenvolveu um plano para destruí-las. Wechel encorajou Alciato a ‘passar a esponja por tudo o que fosse digno de culpa e adicionar diversos emblemas’, isto é, corrigir os textos

---

<sup>23</sup> Compreendemos que o debate sobre *autoria* na Época Moderna é bastante amplo, por esse motivo o uso do termo *autor* está restrito aos usos realizados pela bibliografia.

<sup>24</sup> KLECKER, 2007, p. 27.

<sup>25</sup> ANDENMATTEN, 2017, p. 12-13.

e emitir uma versão mais exata e artística do volume, e os dois concordaram em colaborar pelo menos até janeiro de 1533.<sup>26</sup>

Apesar de aparentemente marcar o distanciamento das edições de Augsburg, Klecker nos apresenta uma outra possibilidade de interpretação da oposição firmada nesta publicação. Para a autora, a oposição contra Steyner serviria a Alciato para afirmar-se como um grande poeta:

[Alciato] não perde a oportunidade de representar suas correções como análogas ao processo de criação daquele que é reconhecido como o maior poeta latino, Virgílio da epopeia. [...] Como já na carta a Ferreti, a denúncia sobre Steyner foi também um pretexto para se retratar como poeta.<sup>27</sup>

Klecker também afirma que muitas das modificações realizadas não dizem respeito as *imperfeições* citadas por Wechel, mas a abrandamentos de questões políticas presentes nos emblemas. Estes aspectos, para a autora, seriam mais urgentes do que a “qualidade inferior” das publicações realizadas por Steyner.<sup>28</sup> Novamente, apesar de Wechel surgir como um nome de mais destaque nas análises destas edições, sua participação se resume a concretizar os desejos de Alciato e limpar as manchas deixadas pelas edições anteriores em sua honra. Estes apontamentos não pretendem minimizar a importância de Alciato ou sequer dizer que suas interferências são irrelevantes. Entretanto, num cenário em que o mercado editorial se encontrava efervescente e as publicações diziam respeito às diversas relações que não a do *autor* detentor de sua obra<sup>29</sup>, parece-nos limitador relegar aos editores, impressores, ilustradores e comentadores um

---

<sup>26</sup> CARLISLE, 2018, p. 171. Tradução livre do inglês. “The Humanist scholar intermittently traveled to and lectured in Paris, and on one of these occasions, Alciato met Parisian printer Christian Wechel, confiding in him his extreme discontent with the editions of his emblems published by Steyner in Augsburg. In fact, so upset was Alciato that he developed a plan to call them in and destroy them! Wechel encouraged Alciato instead “to pass the sponge over all that was blame-worthy, and to add several emblems,” that is, to correct the texts and to issue a more exact and artistic version of the volume, and the two agreed to collaborate by at least January 30, 1533.”

<sup>27</sup> KLECKER, 2007, p. 29. Tradução livre do francês: “Certes il ne formule pas en personne l’énorme incrimination, mais il ne perd pas non plus l’occasion de représenter ses corrections comme étant analogues au processus de création chez celui qui est reconnu comme le plus grand poète latin, le Virgile de l’épopée. À la Vie de Virgile (§ 22), d’époque tardo-antique, composée par Donat, Alciat a emprunté la comparaison de l’auteur en train de créer avec l’ourse qui lèche son petit pour lui donner forme (ut... foetum illum immaturum informemque ursi instar lambendo conformaret, “pour qu’à l’instar de l’ourse, il formât en le léchant son petit, prématuré et informe”). Comme déjà dans la lettre à Ferretti, la plainte à l’endroit de Steyner était aussi un prétexte pour se mettre lui-même en scène comme poète!”

<sup>28</sup> KLECKER, 2007, p. 30-32.

<sup>29</sup> Para compreender o mercado editorial na Época Moderna, cf. PETTEGREE, Andrew. *The Book in The Renaissance*. Londres: Yale University Press, 2011.

lugar secundário no entendimento do emblema. Seguimos, agora, para a segunda via da definição do emblema, analisando as limitações da sua forma tripartite.

Apesar desta estrutura compacta tripartite ser a mais difundida no que chamamos de livros de emblemas, de fato, ela não é a única presente. As edições de Augsburg não são as únicas dissonantes desse padrão, mas as diferenças nas edições subsequentes parecem não ser de grande importância para a literatura especializada. Parece-nos que a definição enrijecida do que é, ou muitas vezes, do que deve ser um emblema, acaba por dificultar a compreensão das características específicas das edições. Para entendermos estas questões, analisaremos alguns elementos de diferentes publicações dos emblemas de Alciato que podem contribuir para o entendimento das limitações de definição dos livros de emblema.

### **3.1. Limites da definição: as edições de Alciato**

Nas edições de Augsburg, além da disposição dos emblemas não ser compacta em uma única página, observamos nelas até mesmo emblemas sem o elemento visual da *pictura*. Se a definição formal e gráfica prescreve uma unidade visual para o entendimento do significado, podemos concluir que esta edição não atenderia a estes critérios tão caros à literatura. Este aparente “descuido” do editor é um dos argumentos para afirmar o caráter não autorizado desta edição, levantando que se Andrea Alciato estivesse envolvido, a publicação não contaria com tantos erros nas imagens e texto. Os questionamentos sobre o surgimento das imagens nesta publicação e se essas seriam encomendadas por Steyner buscam novamente referenciar as publicações de Augsburg não em suas próprias características e demandas, mas na sua conexão com o jurista Andrea Alciato. Percebemos aqui o entrecruzamento dos dois eixos abordados nesta análise – a saber, a figura do jurista e o aspecto formal e gráfico dos emblemas. Por configurarem elementos centrais na definição, tais eixos colaboram entre si para produzirem os elementos delimitadores do emblema.



CLARISSIMI VIRI D. ANDREAE  
Alciati in libellum Emblematum prefatio ad  
D. Chonradum Peutingrum  
Augustanum.

**D**um pueros in glâs, iuvenes dū tessera fallit,  
Detinet & segnes chartula picta viros.  
Hæc nos festiuis emblemata cudimus horis,  
Artificum illustri signaq; facta manu.  
Vestibus ut torulos, potasis ut figere parmas,  
Et valeat tacitis scribere quisq; notis.  
At tibi supremus pretiosa nominata Caesar,  
Et veterum eximias donet habere manus.  
Ipse dabo nati, chartacea munera uates,  
Que Chonrade mei pignus amoris habe.

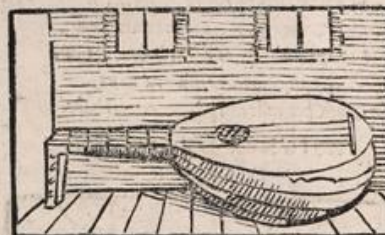
INSIGNIA DUCATVS ME  
DIOLAN.



A 2

Exiliens infans sinuosi è faucibus anguis,  
Est gentilitijs nobile stemma tuis.  
Talia Pelleum gessisse nominata regem,  
Vidimus, hisq; suum concelebrare genus.  
Dū se Ammone, statum matrè anguis imagine lusam,  
Diuini & sobolem seminis esse docet.  
Ore exit tradunt sic quosdam emitter angues,  
An quia sic Pallas de capite orta Iouis.

FOEDERA ITALORVM.



Hanc citharam à lembi, que forma halieutica fertur  
Vendicat & propriam musa latina sibi.  
Accipe Dux, placeat nostrū hoc tibi tempore munus  
Quo noua cum socijs fœdera iure paras.  
Difficile est nisi docto homini tot tendere chordas,  
Vnaq; si fuerit non bene tenta fides.

Figura 1 Emblematum liber, 1531

Nas décadas seguintes, diversas edições são publicadas na Europa e novas características passam a compor os livros de emblemas. O surgimento das edições bilíngues e comentadas altera fundamentalmente o aspecto gráfico destas edições subsequentes. No caso de edições bilíngues, a adição de uma versão vernacular graficamente lateral aos emblemas poderia ser um importante elemento analítico, tendo em vista que para a literatura imagem e texto funcionam de forma interdependente e culminam na forma visual do emblema. A configuração dessas edições produziria uma alteração no modo de *ler-ver* o emblema, pois as relações entre *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio* passariam pela interação com o texto lateral. Entretanto, estas características não adquirem qualquer importância no entendimento das relações internas dos emblemas para a literatura.

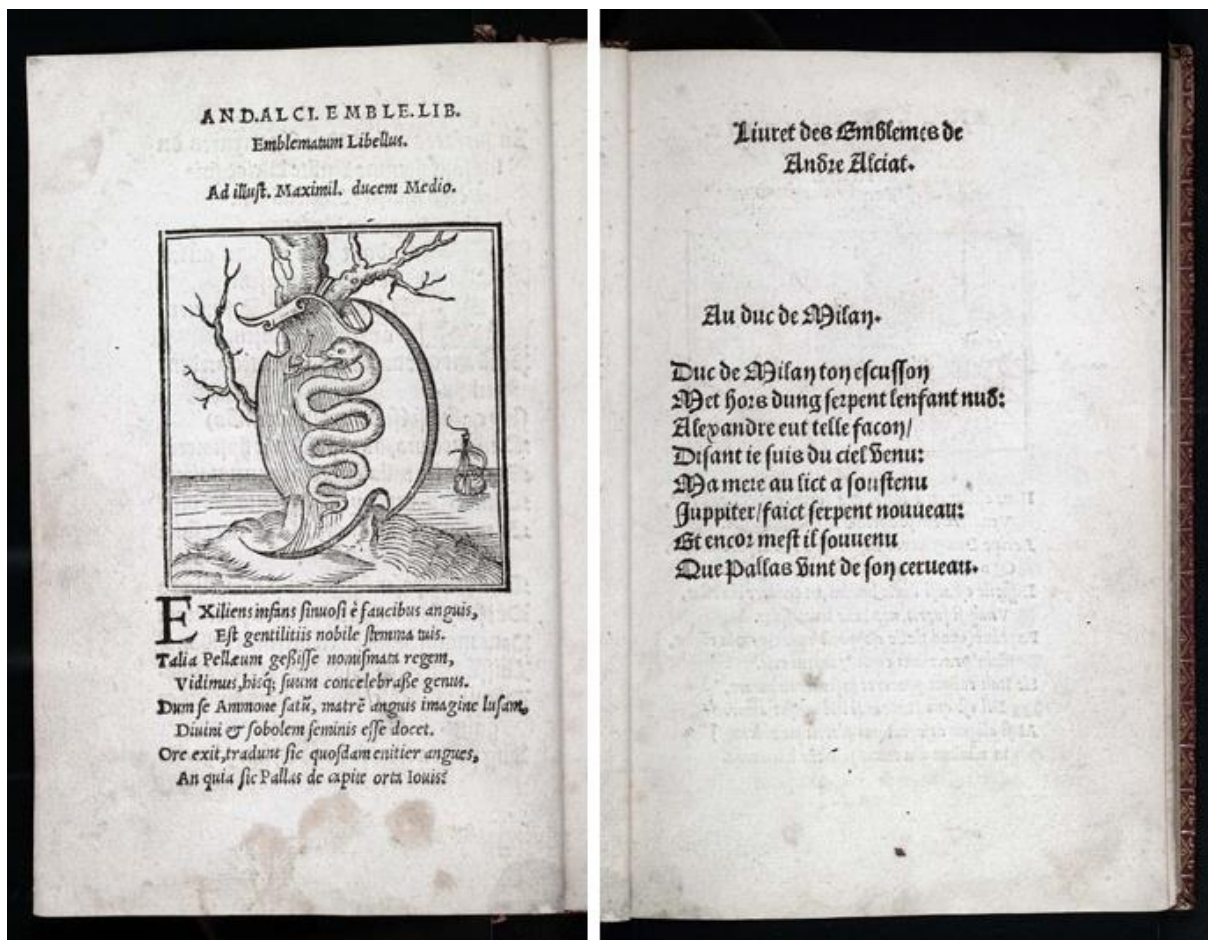


Figura 2 Livret des emblemes, 1536

Além do surgimento de edições bilíngues, nos parece fundamental nas publicações de emblemas ao longo dos séculos XVI e XVII, o acréscimo de comentários. Os comentários nos livros de emblema tornam-se recorrentes ao longo das décadas em suas publicações. Este elemento torna-se fundamental para percebermos que a estrutura compacta e *enigmática* do emblema, a partir desse momento, passa a operar em conjunto com o aparato textual de um comentador. A unidade gráfica compacta do emblema sofre alterações em duas medidas. Em primeiro lugar, o acréscimo de um quarto elemento que altera o entendimento do emblema, visto explicar seu conteúdo ou referências. Em segundo, a modificação do aspecto visual do emblema que, neste momento, não se organiza de forma compacta ao longo dos volumes. Reiteramos que a centralidade das características gráficas e formais nas relações de entendimento do emblema, impossibilita que casos como este, possam ser analisados por suas próprias características e não como desvios de uma norma. Por fim, o emblema na Época Moderna e suas edições não devem

ser restritos pela definição de uma estrutura *ideal*, visto que esta longa trajetória de publicações abrange um *corpus* bastante diverso.

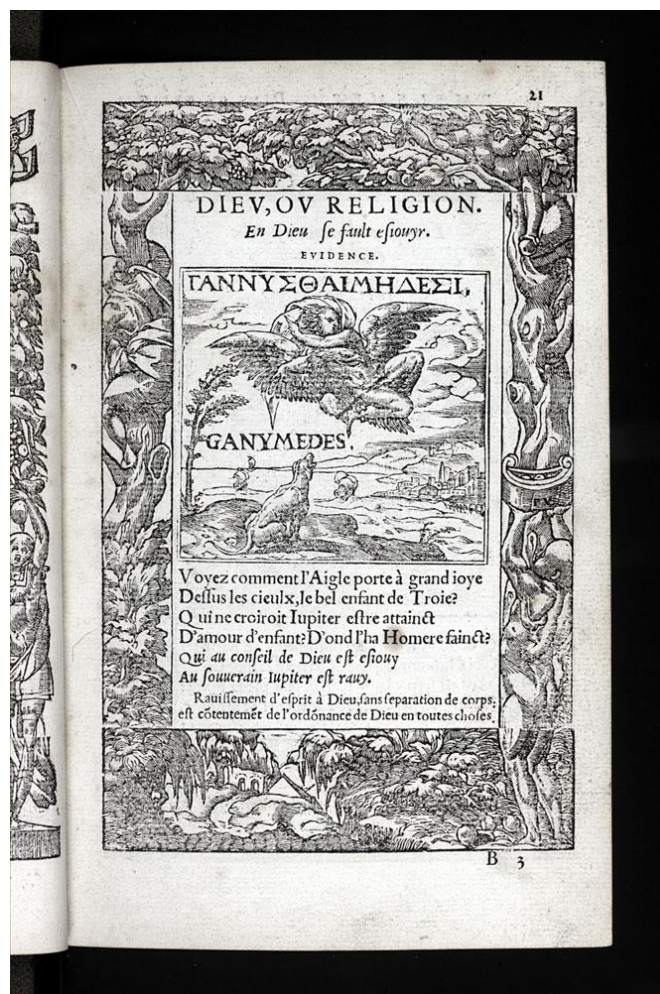


Figura 3 Emblemes, 1549

## Conclusão

Observamos nesta análise que o esforço de buscar uma definição aplicável e geral do emblema constitui uma das principais características da teoria dos emblemas. A partir deste ponto, analisamos a forma que questões como o surgimento das publicações de emblema e a forma deste constituem, em muitas medidas, o esforço de delimitar tal objeto. Através destes mesmos elementos, percebemos que os aspectos fundamentais da definição do que é o *emblema* são repletos de incongruências com as edições publicadas ao longo da Época Moderna. Esta empreitada de descrever e prescrever o que é o emblema tem como objetivo unificar sob um *gênero* um vasto *corpus* de edições.

Compreendemos que este esforço produz o enrijecimento e a fragilidade das análises sobre o que consideramos emblema, pois, em muitas medidas, minimiza aspectos fundamentais das publicações. Reconhecer tais fragilidades não significa dismantelar toda e qualquer formulação de definição do tipo de publicação aqui analisado, mas sim o entendimento que a excessiva necessidade de prescrever o que é o emblema na Época Moderna limita as possibilidades de análise do objeto. A predominância das características verbal-pictórica e tripartite, por exemplo, não deve separar o emblema *ideal* do *incompleto*, mas sim colaborar para a compreensão de publicações que possuem conexões entre si.

A figura de Andrea Alciato também deve ser observada em seus usos ao longo da Época Moderna, não sob uma perspectiva cristalizada. Observamos que o emblema, em suas primeiras publicações, não corresponde ao gênero estruturado veiculado pela teoria dos emblemas. Sendo assim, é de suma importância analisarmos os cenários das publicações iniciais de emblemas, mas não para utilizar delas como parâmetro de definição de um gênero. O emblema tripartite e compacto, com relações muito bem definidas entre suas partes, pode contribuir para a análise do objeto, mas não deve determinar o que é um emblema *completo*. No lugar de um emblema *ideal*, poderíamos pensar em termos de *emblemas* no plural, que se manifestam de formas distintas ao longo de sua trajetória editorial.

Por fim, vale ressaltar a importância das análises editoriais detalhadas, pois no período em questão não se tratava de um processo *individual* de execução de uma obra; e sim, de uma colaboração que atravessa impressores, editores, correspondentes e comentadores. Este caráter das publicações na Época Moderna, torna ainda mais fundamental que os estudos sobre emblema se dediquem sobre as dinâmicas editoriais e materiais das publicações.

## Referências bibliográficas

ANDENMATTEN, Anne-Angélique. *Les Emblèmes d'André Alciat*. Peter Lang, 2017.

CARLISLE, Rachel. From “Art of Memory” to Naturalism: Andrea Alciato and the development of the Early Modern Emblem. *Comitatus*, v. 49, 2018.

DALY, Peter. *Literature in the Light of the Emblem*. Toronto: University of Toronto Press, 1998 (1ª ed. 1979).

GREEN, Henry. *Andrea Alciati and His Book of Emblems: A Biographical and Bibliographical Study*. Londres : Trübner & Co., 1872.

HANSEN, João Adolfo. *Alguns preceitos da invenção e elocução metafóricas de emblemas e empresas*. Revista Chilena de Literatura n. 85, Nov. 2013, pp. 43-73.

JEHL, Émilie. *The Voice of the Picture: The Functional Relationship Between Text and Image in Geoffrey Whitney's A Choice of Emblems (1586)*. Université de Strasbourg, 2010.

KLECKER, Elisabeth. Des Signes Muets Aux Emblèmes Chanteurs : Les Emblemata D'alciat Et L'emblématique. *Cairn*, n. 145, 2007.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Cíntia Chaves Rodrigues, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Andrea Alciato e o emblema: limitações de uma *teoria dos emblemas*” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 19 de abril de 2021.



---

Cíntia Chaves Rodrigues